

Arquivo pessoal



**Isso é algo de que
não podemos fugir,
especialmente
quando crescemos
entre brancos.
Pessoas negras
costumam ter
de se esforçar
muito mais para
receber o mesmo
tratamento de
pessoas brancas"**

**Ramilla Correa
Yamanaka, funcionária
do Instituto Chico Mendes**

e semelhantes. Assim, passou a perceber fenômenos sociais com mais nitidez.

"A pobreza tem cor, as mulheres que morrem em abortos têm cor, a população carcerária tem cor, a tomada de decisão tem cor. Até nas desigualdades, a cor influencia. Eu cresci num mundo onde as pessoas levavam em conta a aparência para conquistar oportunidades. E eu sempre soube que eu não tinha a aparência

correta. Felizmente, isso tem mudado", acredita.

O impacto positivo também veio por contribuir com o próprio letramento racial. Conseguiu amadurecer e levar em conta os fatores raciais que influenciam sua vida até aqui. "Hoje sou servidora pública, tenho estudo, um trabalho estável e uma vida econômica significativamente superior. E continuo sofrendo racismo. Ainda sofro olhares em espaços, como se não devesse estar ali. Meu próprio esposo, que nem é negro, já se indignou com seguranças me seguindo sem indícios nenhum."

A conquista da pós

Doutorando na Faculdade de Direito da UnB por meio das cotas raciais, Artur Antônio dos Santos Araújo e mestre em filologia e língua portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Para ele, essas ações afirmativas são movimentos essenciais que visam à descolonização intelectual e a efetiva reparação histórica no país. O acesso inicial à universidade não pode se tornar um "teto" que impeça a ascensão social e intelectual completa da população negra.

Segundo ele, a importância de expandir as cotas para mestrado e doutorado reside no fato de que a pós-graduação é o nível onde se produz o conhecimento de alto nível. Ele defende que a política é um ato de justiça e um direito conquistado, e não um privilégio. "O objetivo é claro: garantir que o profissional negro ganhe o espaço para escrever a história do seu povo, pesquisar sobre si e não ser apenas tratado como objeto de estudo da elite intelectual branca", conclui.

Ao analisar sua própria trajetória, o jurista descreve o ingresso no doutorado em direito na UnB por cotas como uma transformação radical de destino. Criado por mães e tias domésticas e pelo pai, que era auxiliar de serviços gerais, as humilhações na infância e na adolescência eram tragédias anunciadas. Sair desse lugar de exclusão social e racista parecia impossível, especialmente olhando para todas as pegadas deixadas para trás. Hoje, está na Secretaria de Educação Superior do MEC.

Entretanto, o passado antes do bonito presente também foi galgado de degraus conquistados com muito esforço. Artur foi funcionário do Banco do Brasil, coordenador-geral de Relações Institucionais do Ministério da Igualdade Racial, assessor parlamentar da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racialda Pre-

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



**O objetivo é claro:
garantir que o
profissional negro
ganhe o espaço
para escrever a
história do seu povo,
pesquisar sobre si
e não ser apenas
tratado como objeto
de estudo da elite
intelectual branca"**

**Artur Antônio dos Santos
Araújo, mestre em filologia
e língua portuguesa
pela Universidade de
São Paulo (USP)**

sidência da República (SEPPIR/PR), além de outras passagens profissionais. Diante de um currículo tão extenso, essa trajetória contrasta, justamente, com tudo aquilo que viveu anteriormente e reforça, ainda mais, a importância dos estudos neste processo. "A cota racial não substitui o esforço, mas sim possibilita-o."

Sem o apoio familiar e, fundamentalmente, sem a política de cotas, ele não teria alcançado

tal nível profissional e educacional. Artur alerta que as desigualdades raciais não terminam na graduação, mas tendem a se intensificar na continuidade que muitos dão às ondas acadêmicas. Araújo observa que, mesmo para candidatos negros qualificados, a concorrência é acirrada com profissionais que tiveram trajetória de vida profissional, educacional muito mais robustas.

Além disso, o eurocentrismo do currículo e a baixa presença de intelectuais e professores negros mantêm o ambiente excluente. "É urgente que as cotas sejam acompanhadas de políticas de permanência, visto que as desigualdades não se encerram com o ingresso", ressalta. A presença de negros na pós-graduação é um catalisador de diversidade, criatividade e legitimidade para a academia e o mercado, refutando as críticas sobre a qualidade.

"Com isso, as ações afirmativas não acarretam prejuízo para a qualidade dos trabalhos acadêmicos como propagaram os racistas; ao contrário, trazem mais diversidade, criatividade e dinamismo ao câmpus", encerra. O especialista aponta que a presença negra faz a universidade tomar consciência de sua própria condição excluente e reconhecer as relações étnico-raciais como estruturantes para a sociedade.